



BREVES APROXIMAÇÕES ENTRE O IDEALISMO ALEMÃO E A FILOSOFIA FENOMENOLÓGICA DE HEIDEGGER

João Elton de Jesus*

DOI: <https://doi.org/10.52521/poly.v17i2.13143>

Resumo: Este trabalho tem como objetivo provocar o início de um diálogo e fazer uma breve introdução a alguns conceitos do idealismo alemão, principalmente de Hegel, que influenciaram e foram objeto de crítica de Martin Heidegger através de seu pensamento filosófico. Para isso, tendo em vista a amplitude do arcabouço do idealismo alemão, faremos breves recortes de alguns conceitos de Kant, Fichte e Schelling, que se relacionam com o pensamento heideggeriano. Em seguida, abordaremos os pontos-chave do pensamento hegeliano, como a metodologia e a compreensão da dialética, e por fim, apresentaremos, ainda que de forma breve, algumas visões e compreensões de Heidegger em relação a esses conceitos e como ele formulou críticas e respondeu a eles com sua Filosofia Fenomenológica Hermenêutica Existencial.

Palavras-chave: Idealismo Alemão, Fenomenologia heideggeriana, Filosofia Hermenêutica, Martin Heidegger.

BRIEF APPROXIMATIONS BETWEEN GERMAN IDEALISM AND HEIDEGGER'S PHENOMENOLOGICAL PHILOSOPHY

Abstract: This work aims to provoke a dialogue and provide a brief introduction to some concepts of German idealism, especially Hegel's, which influenced and were the subject of criticism by Martin Heidegger through his philosophical thought. To this end, given the breadth of the framework of German idealism, we will make brief extracts of some concepts of Kant, Fichte, and Schelling, which are related to Heideggerian thought. Then, we will address the key points of Hegelian thought, such as the methodology and understanding of dialectics, and finally, we will present, albeit briefly, some of Heidegger's views and understandings of these concepts and how he formulated critiques and responded to them with his Existential Hermeneutical Phenomenological Philosophy.

Keywords: German Idealism, Heideggerian Phenomenology, Hermeneutic Philosophy, Martin Heidegger.

O Idealismo Alemão é um movimento filosófico que se desenvolveu no final do século XVIII e início do século XIX na Alemanha como uma reação às ideias

*Mestre em Ciências da Religião pela Universidade Católica de Pernambuco - Unicap, Especialista em Juventude no Mundo Contemporâneo e Licenciado em Filosofia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia - FAJE, Bacharel em Administração com ênfase em Marketing pelo Centro Universitário Anhanguera.



predominantes da filosofia da época, particularmente o Empirismo e o Racionalismo. O primeiro enfatizava a experiência sensorial direta e a observação como a fonte primordial do conhecimento, já o segundo, sustentava que a razão, o pensamento lógico e a dedução são as principais fontes de conhecimento.

Para Marcuse (2004, p.28) o Idealismo Alemão “não representa uma rejeição a filósofos empiristas particulares, como Locke e Hume, mas a impossibilidade de que produzem quanto à existência de conceitos, leis ou ideias, que pudessem aspirar universalidade”. Nesse sentido, os pensadores idealistas alemães buscavam reconciliar a dualidade entre o sujeito e o objeto, mente e mundo, e encontrar uma base sólida para o conhecimento humano. Segundo Hartmann (1960, p. 5-6) cada um dos pensadores dirigentes deste período possuía a intenção de resolver o enigma do mundo, de revelar o segredo do universo e o significado da existência humana.

A fim de que o leitor, principalmente o iniciante, possa ter uma aproximação inicial do Idealismo alemão, apresentaremos a seguir alguns dos principais nomes e algumas de suas ideias. Dessa forma inicialmente apresentamos Immanuel Kant (1724-1804), frequentemente considerado o precursor do Idealismo Alemão, na obra “Crítica da Razão Pura”, desenvolveu o conceito de Sujeito transcendental, uma estrutura mental inata que molda nossa compreensão do mundo, transcendendo a experiência empírica. Para Kant (2001, p. 115) "Pensamentos sem conteúdo são vazios, intuições sem conceitos são cegas". Assim, a mente humana sintetiza os dados sensoriais, organizando-os em categorias e conceitos que permitem a compreensão.

Nesse sentido Kant afirma que podemos ter dois tipos de conhecimento: o a priori, independente da experiência, como as categorias do entendimento (tempo, espaço, causalidade), e o conhecimento a posteriori que é derivado da experiência empírica. Para Kant o conhecimento é limitado aos domínios da experiência e questões que ultrapassam esses limites, como a existência de Deus, não podem ser demonstradas de maneira conclusiva. Para ele (1995, p. 69) “Da natureza de objetos supra-sensíveis, de Deus, da nossa própria faculdade de liberdade e da nossa alma (separada do corpo), nada podemos conhecer [...]”.



Além da epistemologia, Emmanuel Kant, também versou o seu pensamento sobre a deontologia, que enfatiza a importância da razão e do dever na ética. Para ele, a moralidade é baseada na razão prática e na aplicação de imperativos categóricos, mandamentos morais que são universais, incondicionais e autônomos. Uma regra que deve ser seguida por todos, em todas as circunstâncias, independentemente de desejos pessoais ou consequências.

Uma das formulações mais conhecidas de Kant para formular o imperativo categórico é "Age apenas de acordo com aquela máxima pela qual podes ao mesmo tempo querer que se torne uma lei universal" (Kant, 2003, p. 62). Isso significa que uma ação é moralmente correta apenas se pudesse ser universalizada, ou seja, se todos pudessem agir da mesma maneira sem gerar contradições.

Nesse sentido, a liberdade, para Kant, não é a mera capacidade de escolher entre várias opções, mas a capacidade de agir de acordo com a razão e a lei moral, ou seja, de seguir os imperativos categóricos, independentemente de pressões externas ou impulsos emocionais.

Johann Gottlieb Fichte (1762-1814) deu continuidade às ideias de Kant, defendendo o conceito de Idealismo Transcendental. Assim como Kant, Fichte enfatiza a primazia do eu, no entanto ele desenvolve o seu pensamento a partir do conceito de "Eu Absoluto" ou "Eu infinito". Sua filosofia se baseava em "reconduzir toda multiplicidade (que se impõe a nós na visão da vida cotidiana) à absoluta unidade" (Fichte, 1985, p. 8). Ele argumentou que o eu individual (o "Eu finito") é uma manifestação do "Eu Absoluto", que é a fonte e fundamento de todo conhecimento e toda a realidade em si.

Para Fichte, o "Eu Absoluto" é uma realidade infinita e indeterminada, que engloba tudo, pois é uma construção ativa da mente humana. Nesse sentido, para esse autor, cada eu individual compartilha uma identidade com o Absoluto e contribui para a atividade do "Eu Absoluto" por meio de suas ações e decisões. Portanto, a realidade é formada pela atividade conjunta de todos os eu individuais, que são conscientes de si mesmos como parte do "Eu Absoluto".



Segundo Fichte, o eu individual tem uma liberdade moral ou uma autonomia moral, onde cada pessoa é a fonte de suas próprias regras morais. Isso ocorre porque, para esse autor, a ação moral é guiada por um senso de dever do ser humano que possui uma capacidade de agir de acordo com a razão e os princípios éticos independentemente de influências externas ou impulsos pessoais.

Na esteira dos grandes pensadores do Idealismo Alemão está Friedrich Schelling (1775-1854), conhecido por incluir elementos da natureza e do movimento romântico alemão em sua filosofia. Schelling argumentava que a natureza e o espírito são intrinsecamente ligados. A natureza é a manifestação objetiva do espírito, e o espírito é a autorreflexão subjetiva da natureza.

Para Schelling, a busca pelo Absoluto envolvia a compreensão das leis naturais e a percepção da unidade entre a natureza e o espírito. Segundo ele (2004, p.73) “Enquanto a filosofia começa a ser ciência, deve pressupor também uma proposição suprema, e com ela, ao mesmo tempo, algo incondicionado”. Dessa maneira, para Schelling o Absoluto era a realidade última, a unidade fundamental que subjaz a todas as coisas. O Absoluto não é um objeto de conhecimento, mas a base da possibilidade de conhecimento.

Esse autor argumentava que, por trás de todas as oposições e dualidades aparentes, havia uma unidade subjacente. Ele via a realidade como uma identidade na diferença, onde todas as oposições e contradições podiam ser reconciliadas, superando as divisões aparentes entre sujeito e objeto, natureza e espírito, bem e mal. Para ele (2010, p.23) “Também a matéria, como tudo que é, flui a partir da essência eterna, e é, no interior da aparição, ainda apenas indireta e mediatamente, um efeito do eterno sujeito objetivação e da imaginação de sua unidade infinita em direção à finitude e à multiplicidade.”

Nesse sentido a busca pelo Absoluto não era algo que pudesse ser concluído definitivamente, mas sim um esforço constante em direção à compreensão mais profunda. “Em todo ser (Wesen) orgânico – sim, em todo ele, mesmo na menor de suas partes! – tu reconhecês a infinitude atual e a unidade, cada uma por si e, contudo, como um” (Schelling, 2010, p. 83).



Hegel e a dialética do Espírito Absoluto

Embora tenha tido contato e inspirações nos autores mencionados acima, Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770-1831) foi um dos autores do Idealismo Alemão que mais tiveram interlocuções com Martin Heidegger. Para D'Hont (1984, p.24) “Hegel pensa sobretudo na vida mais viva, a que não tolera a fixação, o endurecimento, nem a repetição monótona: a vida das relações humanas, a vida social, a vida do espírito e das suas obras, a História”.

Dentre os diversos aspectos desenvolvidos por esse autor, destaca-se a dialética hegeliana, um método de investigação que busca compreender a realidade por meio da contradição e do desenvolvimento. Nesse sentido, a dialética hegeliana “é um processo de plenificação do absoluto, e este absoluto é a identificação plena entre real e racional” (Mascaro, 2002, p. 79).

Em suma, podemos afirmar que a dialética hegeliana opera em um ciclo triádico, composto por três fases interligadas: tese, antítese e síntese. Trata-se de um processo de descobrimento do real que se estabelece por meio de “estruturas de totalidade que vão se sucedendo durante a história e de um conjunto de totalidades que subsistem num mesmo contexto histórico, sendo englobados e significados por uma universalidade maior e última” (Wohlfart, 2002, p.45).

Começando com a tese, que é uma afirmação ou proposição inicial, que é confrontada com a antítese, a negação ou contraposição à tese. Esse conflito de ideias entre tese e antítese é resolvido pela síntese, que representa uma nova afirmação que incorpora e supera as contradições anteriores. Nesse sentido, cada síntese torna-se a nova tese, iniciando um novo ciclo dialético de maneira que surge um novo conceito, mas um conceito superior “mais rico que o anterior; porque foi enriquecido pela negação do referido conceito anterior, isto é, pelo seu oposto; conseqüentemente, contém-o, mas contém algo mais do que isso, e é a unidade de si mesmo e do seu oposto.” (Hegel, 1974, p. 50).



Hegel via a história como uma manifestação da dialética. Para ele (1997, p. 36) "o que é real é racional, e o que é racional é real." Isso significa que, à medida que a dialética da história se desenrola, a realização da razão se manifesta na realidade resultando na realização progressiva daquilo que ele nomeia como Espírito Absoluto.

Nesse sentido o Espírito Absoluto hegeliano é a mais alta realidade, a ideia suprema que abrange e unifica todas as esferas do conhecimento. Assim, o Absoluto não é uma entidade estática, mas um processo dinâmico que envolve a atividade do espírito. Trata-se da realização completa da razão, o resultado da evolução do pensamento e da história. É a realização da liberdade, da autoconsciência e da racionalidade, segundo ele (2013, p. 28) "o espírito nunca está em repouso, mas sempre tomado por um movimento para a frente".

Na obra "Fenomenologia do Espírito" Hegel explora o desenvolvimento da consciência e do conhecimento humanos por meio de estágios, pois segundo ele (2013, p. 28) "o espírito que se forma lentamente, tranquilamente, em direção à sua nova figura, vai desmanchando tijolo por tijolo o edifício de seu mundo anterior".

O primeiro estágio é a consciência imediata ou sensorial. Trata-se do ponto de partida de nossa compreensão do mundo no qual a mente lida apenas com percepções sensoriais imediatas. A consciência sensorial não faz distinções conceituais; ela simplesmente registra impressões sensoriais, como cores, sons e odores. É uma forma de consciência ingênua que não reconhece a complexidade subjacente da realidade, portanto, precisa evoluir.

Na fase da percepção, a consciência começa a fazer distinções rudimentares entre objetos e suas características. No entanto, a percepção ainda é limitada e não é capaz de compreender as relações mais profundas entre os objetos. Já no estágio do entendimento a consciência começa a aplicar conceitos e categorias para compreender a realidade. Aqui, a mente começa a reconhecer as relações entre os objetos e a formar conceitos mais abstratos. No entanto, o entendimento ainda opera dentro de limitações conceituais e não alcança uma compreensão completa da realidade.

A autoconsciência é uma etapa fundamental no desenvolvimento da consciência. Neste estágio, a mente se torna consciente de si mesma como um sujeito autônomo e



distinto. A autoconsciência também envolve a capacidade de reconhecer outros sujeitos conscientes.

Nesse sentido, Hegel argumenta que a autoconsciência só pode ser alcançada por meio do reconhecimento de outro ser consciente. A relação entre o eu e o outro é fundamental para a formação da identidade e da autoconsciência. Para ele (2013, p. 72), o caminho da alma “percorre a série das figuras como estações que lhe são preestabelecidas por sua natureza, para que se possa purificar rumo ao espírito, e através dessa experiência completa de si mesma alcançar o conhecimento do que ela é em si mesma.”

A razão representa um avanço significativo na compreensão da realidade. Neste estágio, a mente é capaz de realizar a análise lógica e a argumentação. A razão permite uma compreensão mais profunda das relações conceituais e a capacidade de resolver contradições.

O estágio final da consciência é o Espírito. Aqui, a consciência compreende a unidade entre o eu individual e a realidade maior. O Espírito é a síntese de todas as etapas anteriores, representando a realização completa da consciência e a compreensão da realidade como um sistema racional. Para ele (2005, p. 580) “O espírito absoluto é identidade que tanto é eternamente em si mesma, como está regressando e regressou a si, é a substância única e universal, no entanto, espiritual, [é] o juízo [que parte para a substância] em si [mesma] e em um saber que ela é enquanto tal”.

A alegoria do "Escravo e Senhor" propugnada por Hegel descreve uma dinâmica fundamental nas relações humanas e no desenvolvimento da autoconsciência. Essa alegoria é uma metáfora que ilustra o processo de formação da autoconsciência através do confronto com o outro. No início, um indivíduo é como um "escravo" em relação a outro. Isso significa que ele está em uma posição de dependência em relação ao outro, muitas vezes um "senhor" ou dominante. O escravo obedece às ordens do senhor, realiza tarefas e trabalha para ele.

O "senhor" representa aquele que está no comando, aquele que dita as regras e exerce controle sobre o "escravo". O senhor pode exercer poder sobre o escravo, mas também depende dele para realizar tarefas e satisfazer suas necessidades. A dinâmica da



alegoria ocorre quando o "escravo" percebe que sua própria dignidade e autoestima são prejudicadas pela subserviência. Ele deseja ser reconhecido como um ser humano independente e, portanto, se arrisca a desafiar o "senhor". Esse desafio pode levar a um confronto ou luta.

No processo do confronto e da luta, a autoconsciência do "escravo" começa a se transformar. Ele está disposto a arriscar sua própria vida pela autoafirmação e pela obtenção de reconhecimento como um ser humano independente. Através dessa luta, a autoconsciência do escravo se desenvolve e se transforma.

O resultado desse processo é o reconhecimento mútuo. O "senhor" e o "escravo" reconhecem a independência e a autoconsciência um do outro. Isso leva à superação da relação de dominação e à emergência de uma relação de igualdade. Segundo Hegel (2013, p. 76) “[...] há na consciência um para um outro, isto é, a consciência tem nela a determinação do momento do saber. Ao mesmo tempo, para a consciência, esse Outro não é somente para ela, mas é também fora dessa relação, ou seja, é em si: o momento da verdade”.

Essa alegoria é fundamental para a compreensão da formação da autoconsciência em Hegel. Ela descreve como a autoconsciência dependente (como a do escravo) é capaz de se tornar autoconsciência independente por meio do confronto com o outro. Esse confronto é um momento de transformação na qual a autoconsciência se desenvolve e amadurece. Para Colomer (1986, p. 223) “Com a autoconsciência entramos ‘no reino da verdade’. O mundo em sua totalidade, expressado pela noção de vida, se reflete na autoconsciência”

Hegel acreditava que a ética não era apenas uma questão de conformidade com regras ou princípios, mas uma questão mais profunda de viver uma vida autêntica e realizada. Para ele, a ética é a realização da liberdade. Ele argumenta que somente através da ética uma pessoa se torna verdadeiramente livre, pois a ética implica a autodeterminação racional e a conformidade com a vontade universal. Portanto, a ética é o caminho para a autorrealização.

Heidegger e sua crítica ao idealismo alemão



Feita a aproximação com os autores do Idealismo Alemão, é momento então de abordar o pensamento de Martin Heidegger (1889-1976), filósofo alemão amplamente reconhecido por suas contribuições à fenomenologia e à filosofia existencial. Nascido em Messkirch, Alemanha, Heidegger estudou teologia e filosofia, tornando-se um estudante de Edmund Husserl, considerado o fundador da fenomenologia. Sua carreira acadêmica incluiu períodos como professor em universidades alemãs, incluindo a Universidade de Freiburg, onde, também ocupou a reitoria.

Heidegger é mais conhecido por sua obra "Ser e Tempo" (1927), que para João Augusto Mac Dowel (2006, p. 13) "trata-se de um marco na história da filosofia, semelhante à Fenomenologia do Espírito de Hegel". Neste trabalho, ele desenvolve uma abordagem fenomenológica e existencial do ser humano e da questão do ser onde explorou temáticas relacionadas à autenticidade, linguagem e a natureza da existência, influenciando significativamente a filosofia contemporânea.

Uma das principais críticas de Heidegger ao idealismo alemão foi a ênfase excessiva na epistemologia em detrimento da ontologia. Heidegger propôs uma virada da filosofia em direção à ontologia e à investigação do significado do ser. Ele argumenta que a maioria das tradições filosóficas focou na ontologia tradicional, que se concentra no estudo dos entes (objetos, seres concretos), em vez de investigar o próprio ser. Para ele "a questão do Ser visa às condições de possibilidade da própria ontologia que antecedem e fundam as ciências ônticas" (Heidegger, 2012, p. 48).

Para Heidegger o idealismo alemão, em sua busca pelo Absoluto, frequentemente se afastava da vida concreta e da experiência humana. Uma das críticas desse autor se concentra na abstração e na universalidade inerentes à busca do Absoluto. O Absoluto, concebido como uma realidade suprema e universal que abrange tudo, tende a ser uma construção abstrata, que se afasta da realidade da existência humana. Para Heidegger (1991, p.76) "Para Hegel o objeto do pensamento é o pensamento absoluto como conceito absoluto. Para nós o objeto do pensamento, designado provisoriamente, é a diferença enquanto diferença."

Para compreender essa existência humana, Heidegger desenvolve o conceito de ser-aí ou "Dasein". Segundo o dicionário Heideggeriano organizado por Inwood (1994),



Dasein é utilizado como “O ser dos humanos ou ente ou pessoa que possui este ser. [...] Dasein está essencialmente no mundo e ilumina a si mesmo e ao mundo”. Segundo Heidegger, o Dasein é "lançado" no mundo e confronta o mundo como um todo, “não é apenas um ente que ocorre entre outros entes. Ao contrário, ela se distingue onticamente pelo privilégio de, em seu ser, isto é, sendo, estar em jogo seu próprio ser.” (Heidegger, 2013, p. 48)

Por meio do Dasein, lançado no mundo, Heidegger enfatiza que a existência humana é singular, o que significa que cada ser humano é um indivíduo único, e sua existência é contingente, ou seja, depende de circunstâncias específicas e contextos particulares. Nesse sentido, Safranski (2005, p.35) afirma que o Dasein ou existência heideggeriana significam que “nós não apenas somos, mas percebemos que somos. E nunca estamos acabados, como algo presente, não podemos rodear a nós mesmos, mas em todos os pontos estamos abertos para um futuro. Estamos entregues a nós mesmos. Somos aquilo que nos tornamos”

Desta maneira, Heidegger também aborda a ideia de contingência, argumentando que nossa existência depende de circunstâncias específicas e contextos particulares. Assim, “o Dasein tem como sentido estar-aí situado historicamente. Esse ser-no-mundo vai se constituindo sendo-no-mundo antes de todo e qualquer eu, mas sempre situado e imerso no jogo homem/mundo, e é nessa interação que a realidade se dá” (Braga, 2017, p.65)

Nesse sentido a singularidade e a contingência da existência humana são essenciais para alcançar a autenticidade. Na compreensão Heideggeriana, a autenticidade deve ser conquistada e não dada. Para Carman (2005, p. 285) os modos autênticos de existência são aqueles no qual o “Dasein está em uma relação direta de primeira pessoa consigo mesmo, em contraste com as relações de segunda e terceira pessoa em que se encontra outros”.

Além da ideia de Absoluto, Heidegger também criticou a noção de sujeito transcendental em Kant, argumentando que era uma abstração que não se encaixava na experiência existencial. Kant postulou que o sujeito transcendental era responsável por



estruturar a experiência, mas Heidegger viu isso como uma tentativa de objetivar a subjetividade, tornando-a uma entidade abstrata.

Para Heidegger, a experiência humana é mais complexa e não pode ser reduzida a estruturas pré-determinadas. Segundo esse autor, a existência humana ocorre no mundo, com preocupações práticas, emocionais e sociais que moldam a experiência. Nesse sentido, Hans-Georg Gadamer, um grande seguidor de Heidegger, afirma que para o autor de *Ser e Tempo* é a própria vida “e não o sujeito, o Eu pensante – que torna reais as suas tendências, revelando e também sempre ocultando, justamente do jeito como é a experiência fundamental da vida” (Gadamer, 1995, p.74). Portanto, uma abordagem que isola o sujeito transcendental não leva em conta o ser-no-mundo, que é central para a fenomenologia existencial.

Heidegger se opõe diretamente alguns pontos da filosofia Hegeliana. Uma das principais questões é em relação à metodologia dialética apresentada por Hegel. A dialética hegeliana envolve a resolução de contradições e o movimento em direção a uma síntese. Hegel acreditava que a verdade é alcançada por meio desse processo dialético e assumia o conceito de ser como um processo de autorrealização, onde a realidade é vista como uma manifestação da ideia absoluta.

Segundo Marcuzzi (1996), “Mais ainda do que o pensamento de Descartes, a filosofia de Heidegger é um questionamento radical de todos os a priori de nossa herança metafísica, e principalmente da língua em que ela se sedimentou”. Nesse arcabouço, Heidegger, opõe-se à dialética hegeliana como uma abordagem que ainda mantém a filosofia dentro da esfera da representação e do conceito. Para ele (1999, p.63), “falta à dialética “a visão fundamental radical do objeto da filosofia, a partir do qual brota ‘o como’ do compreendido na sua ‘unidade’.”

Heidegger via a história como um campo em que o ser é revelado, mas não em termos de progresso rumo a uma realização racional. Ele se concentra no ser como algo que transcende categorias lógicas e conceituais argumentando que o ser é mais misterioso e profundo do que a filosofia tradicional e a dialética podem abranger.

Hegel compreendia a história como um processo dialético no qual os conflitos e contradições levam ao progresso da consciência humana. Ele via a história como um



movimento em direção a uma realização plena da racionalidade, culminando no Estado ideal. Já Heidegger estava preocupado com a existência humana individual e enfatizava o caráter único e histórico da existência.

Dessa maneira, a hermenêutica desempenha um papel central na compreensão da existência, pois na compreensão heideggeriana, estamos constantemente interpretando nossa própria existência e o mundo em que vivemos. Para Heidegger, a hermenêutica envolve a tarefa de "destruir" nossa compreensão prévia do ser para que possamos, em seguida, "reconstruir" uma compreensão mais autêntica. Isso significa questionar nossas suposições e preconceitos para alcançar uma compreensão mais autêntica de nossa existência e da natureza do ser.

Dessa maneira a fenomenologia hermenêutica de Martin Heidegger é uma crítica ao pensamento objetivista e representacional ocidental sustentado a partir da relação sujeito e objeto. Assim, “Heidegger introduz uma experiência completamente nova do mundo e um conceito de mundo que não pode mais ser compreendido a partir da tradição como a totalidade dos entes, mas sim como totalidade compreensiva que só se mostra no modo de acesso a-teórico, não-reflexivo” (Herrmann, 2000, p. 22).

Heidegger afirma que “o pensar somente começará quando viermos a saber que a razão, idolatrada por séculos, é o adversário mais renitente do pensar” (Heidegger, 1977, p.257) e acrescenta que “o irracionalismo, ao contrário do racionalismo, fala de maneira estrábica daquilo que este não enxerga” (Heidegger, 2006, p.136). Para ele, a existência humana (Dasein) é fundamentalmente uma forma de interpretação. Estamos sempre envolvidos na interpretação do mundo ao nosso redor e de nós mesmos.

Considerações Finais

O Idealismo Alemão foi um dos movimentos e escolas de pensamento que mais influenciaram o modo de pensar filosófico da filosofia moderna. Autores como Kant e Hegel continuam a ser pauta de diversos estudos que buscam compreender a realidade e como os seres humanos, dentro da história, buscam por conhecimento e compreensão do mundo.



Contudo, o pensamento do idealismo traz conceitos e formas de compreender, tal como a concepção do Absoluto, o Sujeito Transcendental e a dialética que, embora importantes e provocadores do pensamento, foram alvo de impulso intelectual e críticas de Martin Heidegger, que trazia em sua busca filosófica outras questões e outros pontos de vista.

No trabalho acima, pudemos observar a posição de Heidegger frente ao Absoluto que, segundo ele, retira a facticidade e a vida concreta das pessoas, que tanto ele aborda em sua filosofia fenomenológica existencial. Ademais, para ele, é a própria vida com suas contingências e suas relações que envolve a si mesmo, o outro e o mundo que devem ser privilegiadas e não um sujeito transcendental abstrato, tal como colocado por Kant e seus seguidores.

Em relação a Hegel é que Heidegger estabelece uma relação de “amor e ódio”, pois ao mesmo tempo em que não há como seguir a filosofia sem ter em mente os pressupostos hegelianos que tanto influenciaram a filosofia e o contexto em que Heidegger estava inserido, há também uma busca pelo autor de Ser em Tempo em seguir com as suas inquietações, que vão desde a visão da metafísica e filosofia tradicional com o seu esquecimento do ser, até a construção de uma metodologia ou pelo menos um caminho mais amplo para a compreensão do ser e daquele que compreende o ser.

Nesse sentido, percebemos a posição de oposição com a dialética heideggeriana, de maneira a entender o tempo de uma forma mais ampla e mais ainda, de ver a hermenêutica como uma forma de compreensão mais profunda em relação ao ser-aí e ao Ser.

Dessa forma não há como negar a importância do idealismo alemão e sua influência no pensamento de Heidegger, pois ainda que não pudemos explorar em profundidade tais pontos, podemos mostrar alguns dos aspectos do idealismo que provocaram Heidegger a uma busca, se transformando assim em um dos aspectos, dentre vários existentes, para a construção da filosofia fenomenológica heideggeriana que ainda hoje nos debruçamos em vistas a uma maior compreensão do Ser.



Referências

- BRAGA; Phenomenological Studies - **Revista da Abordagem Gestáltica** - XXIII(1): 65-73, jan-abri, 2017 <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rag/v23n1/v23n1a08.pdf>
- COLOMER, Eusebi. **El pensamiento alemán de Kant a Heidegger: la filosofía trascendental: Kant**. Barcelona: Editorial Herder, 1986
- D'HONDT, Jacques. **Hegel**. Lisboa: Edições 70, 1984
- GADAMER, Hans-Georg. **Hermeneutik im Rückblick**. Tübingen: Mohr, , 1995
- FICHTE, J.G. **Gesamtausgabe der Bayerischen Akademie der Wissenschaften**, II, v. 8. Stuttgart: Frommann-Holzboog, 1985
- HARTMANN. Nicolai, A **Filosofia do Idealismo Alemão**. 4ª Edição, Fundação Calouste Gulbenkian, São Paulo, 1960
- HEIDEGGER, M. **Ser e tempo**. Trad. Marcia Sá Cavalcante Schuback. 6. ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2012.
- HEIDEGGER, M. **Ontologia: hermenéutica de la facticidad**. Tradução de Jaime Aspiunza. Madri: Alianza Editoria, 1999.
- Hegel, G. W .R. **Ciencia de la Lógica**. Traducción española de Rodolfo Mondolfo. Buenos Aires. Ed. Solar y Libr. Hachette. 1974
- HEGEL, G.W.F. **Princípios da filosofia do direito**; tradução Orlando Vitorino. - São Paulo : Martins Fontes, 1997
- HEGEL, G.W.F **A fenomenologia do espírito**. 8. ed. Petrópolis: Vozes: Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2013.
- HEGEL, G.W.F **.Enciclopedia de las ciencias filosóficas**. Madrid: Alianza Editorial, 2005.
- IHU ONLINE. Ser e tempo: a desconstrução da metafísica. **Revista IHU ONLINE** Disponível em: <https://www.ihuonline.unisinos.br/media/pdf/IHUOnlineEdicao187.pdf>. Acesso em: 21.out.2023.
- INWOOD, M.J. **Dicionário Heidegger**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002



KANT, Immanuel. **Progressos da metafísica**. Traduzido por Artur Morão. Rio de Janeiro: Delfos ed. Lisboa: edições 70, 1995

KANT, Immanuel. **Crítica da razão pura**. Tradução Manuela P. dos Santos, Alexandre F. Morujão. 5.ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

KANT, Immanuel. **Fundamentação da metafísica dos costumes e outros escritos**. São Paulo: Martin Claret, 2003

MARCUSE, Herbert. **Razão e Revolução: Hegel e o advento da teoria social**. Tradução de Marília Barroso. 5.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

SAFRANSKI, Rüdiger. **Heidegger, um filósofo da Alemanha entre o bem e o mal**. Trad. Lya Lett Luft. 2ª. ed. São Paulo, SP: Geração Editorial, 2005

SCHELLING, F.W.J. **Del yo como principio de la filosofía sobre lo incondicionado en el saber humano**. Madrid. Editorial Trotta, 2004

SCHELLING, Friedrich Wilhelm Joseph. **Aforismos para introdução à filosofia da natureza e Aforismos sobre filosofia da natureza**. Rio de Janeiro, São Paulo: Editora PUC-Rio e Edições Loyola, [1806], 2010

WOHLFART, João A. **A estrutura e a exposição do método dialético em Hegel**. Filosofazer, Passo Fundo. ano XI, n.º 20, 2002.